



Hedonismo e Medo

o futuro brasileiro do mundo

Coleção Imaginário Cotidiano

Coordenador da coleção: Luis Gomes

Conselho Editorial:

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Michel Maffesoli – Paris V

Pierre le Quéau – Grenoble

Philippe Joron – Montpellier III

Renato Janine Ribeiro – USP

Muniz Sodré – UFRJ

J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM

GIULIANO DA EMPOLI

Hedonismo e Medo

o futuro brasileiro do mundo

Tradução de
Jamile Gamba Dalpiaz



Editora Sulina

© Marsilio Editori, 2005

© Editora Meridional/Sulina, 2007

Título original: Tra edonismo e paura: il nostro futuro brasiliano

Tradução: Jamile Gamba Dalpiaz

Capa: Vitor Hugo Turuga

Editoração: Clotilde Sbardelotto

Revisão: Taís Ferreira e Patrícia Aragão

Editor: Luis Gomes

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

E55h Empoli, Giuliano da
Hedonismo e medo: o futuro brasileiro do mundo / Giuliano da Empoli;
tradução de Jamile Gamba Dalpiaz. – Porto Alegre: Sulina, 2007. – (Coleção
Imaginário Cotidiano)
111 p.

Título original: Tra edonismo e paura: il nostro futuro brasiliano
ISBN 978-85-205-0470-3

1. Sociologia. 2. Cultura I. Título. II. Série.

CDD: 301

CDU: 008

316

Todos os direitos desta edição reservados
à EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311-4082 Fax: (51) 3264-4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Maior / 2007

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Para Théa

Agradecimentos

O meu reconhecimento, antes de mais nada, aos mestres Ulrich Beck, Michel Maffesoli e Peter Sloterdijk, nos quais me apoiei para dar uma olhada na realidade que nos circunda.

Durante este percurso, estiveram próximos vários amigos: Francesco Bonami, Luciano Cafagna, Francesca Chialà, Domenico De Masi, Cesare De Michelis, Arto Lindsay, Nicola Maccanico, Michel Martone, Lorenzo Miglioli, Matteo Mungari, Celestina Perasso. A eles, assim como a todos meus amigos da Marsílio, vão os meus mais sinceros agradecimentos.

Termino dizendo que, outra vez, o débito maior é com a minha mãe, Heidi.

Sumário

Introdução / 11

O espelho brasileiro / 19

A democratização da orgia / 29

A nova superclasse / 45

O *self-service* da alma / 55

O fim da infância / 67

O fatalismo *high-tech* / 81

A espiral carnavalesca / 91

Conclusão / 99

Introdução

O protagonista perdido

“É por princípio, suponho, que o mundo se assemelha de um dia para o outro. Hoje, havia o ar de querer mudar. E então tudo, tudo poderia acontecer.”¹

É assim que nos sentimos depois do 11 de Setembro. Após ter permanecido igual por tanto tempo, o mundo havia repentinamente cessado de assemelhar-se. E nós nos reencontramos como o herói de Conrad, “com o pânico no coração, desorientados em um lugar cheio de mistérios absurdos e cruéis, proibido aos mortais”².

Vivemos num mundo que a nós é desconhecido, no qual buscamos exaustivamente aplicar as categorias que herdamos dos nossos pais. Mas a verdade é que não conseguimos efetivamente nos compreender.

Depois da queda do Muro, nos convencemos de que a ruína de uma específica ilusão determinou o fim da ilusão em geral. Como se o pôr-do-sol do comunismo tivesse libertado para sempre o homem da sua milionária capacidade de sonhar e de se enganar, consentindo assim que uma confortável lógica tecnocrática cobrisse o mundo, de forma aconchegante e calma.

Parecia que tudo poderia ser enfrentado com as armas da técnica e da razão, desde a unificação europeia, por meio da moeda única, até a revolução da vida pessoal e profissional,

¹ J. P. Sartre. *La nausée*. Paris: Gallimard, 1938, p. 115.

² J. Conrad. *Cuore di tenebra*. Milano: Garzanti, 1990, p. 100.

através da internet e das novas tecnologias. Junto ao fim da história, ao homem ocidental permanecia somente a tarefa de reordenar as idéias que o haviam conduzido até ali para aplicá-las (e removê-las) com a máxima eficiência possível. Para reforçar esta convenção havia ainda, a cada dia, a repetição dos *spots* e das manchetes que anunciavam a morte da distância e o advento de uma comunicação universal, cimentada pela *information technology*.

E tal era a ênfase com a qual estas idéias eram propagadas (e tão intensa era, talvez, a nossa necessidade de acreditar), que não vieram à mente de ninguém perguntas essenciais. Por que o colapso da fé comunista teria que coincidir com o fim da capacidade humana de confeccionar utopias? Quando os ideais fossem derrubados também, o que teria acontecido com a força que os produzira? Onde foi parar a energia que, libertada pela queda do Muro, nem por isso poderia desaparecer da face planetária?

Na verdade são muitas as perguntas que não fizemos, contentamo-nos com respostas superficiais. Quem nunca pensou, por exemplo, que uma proximidade tecnológica universal pudesse reduzir, ao contrário de aumentar, os conflitos do mundo? Era verdade que os novos instrumentos de comunicação colocavam em contato constante povos que se ignoravam até aquele momento. Mas quem nos convenceu de que estes povos se apreciariam e se compreenderiam, ao invés de se desentenderem e se odiarem?

Mesmo com a ausência destas respostas, de qualquer modo, os anos 90 seguiram um percurso impetuosamente otimista. E uma geração apresentou-se à vida adulta em um mundo povoado de milionários instantâneos e de tigres do sudeste asiático, no qual a agressividade dos slogans jornalísticos correspondia a um substancial desaparecimento do clímax. Convencemo-nos de ter aportado em uma charneca docemente tediosa, como a Noruega ou Liechtenstein: do

tipo que o chinês teria fervorosamente recomendado aos parentes e aos amigos mais íntimos.

Obviamente, de vez em quando ocorria que tamborins obscuros soassem ao longe. Ou também nas vizinhanças, como na Bósnia, quando uma pequena comunidade iluminada e moderada foi obrigada a acertar as contas, na mais absoluta solidão, com a barbárie do novo fascismo integralista, que teria prosseguido a sua marcha triunfal em Manhattan, em Madri, no Iraque. Poucos se deram conta naquela época. Isso porque as partes eram invertidas: sobretudo os muçulmanos foram massacrados. Novamente, no coração do continente, os atiradores, os campos de extermínio e as fossas comuns. Foi então que a Europa jogou a alma nas ruínas daquela Sarajevo que por cinco séculos foi a encarnação, problemática, mas sempre vital, de uma possibilidade de convivência entre diferentes. Um projeto de tolerância frágil e imperfeito que nenhum de nós sentiu urgência em salvaguardar.

Repensando hoje, arrepia a idéia de que enquanto a terceira guerra mundial projetava o seu *trailer* assustador sob os nossos olhos, a apenas meia hora de avião entre Roma e Viena, todos os olhares estivessem voltados para o além. É como se, em 1938, tivesse acontecido uma campanha eleitoral na qual não foram enfrentadas nem a questão tcheca, nem a espanhola, nem mesmo o nazismo. “Procurem imaginar candidatos que não se pronunciaram na época nem sobre Barcelona, nem sobre o cerco de Madri e que tenham passado em silêncio quanto aos acordos de Munique, o *Anschluss* e a Abissínia”³. É esta *mutatis mutandis* a situação na qual nos reencontrávamos na metade dos anos 90. Um período no qual uma classe dirigente inteira, precisa em

³ B. H. Lévy. *Récidives*. Paris: Grasset, 2004, p. 815.

matéria de parâmetros de convergência e de cláusulas de *opting-out*, não se deu conta do estouro, na porta de casa (ou, aliás, para ser mais objetivo, dentro da casa européia), da terceira guerra mundial.

Foi necessário o 11 de Setembro para entendermos que os anos 90 nos enganaram. Mas, na ausência de um esquema de interpretação, este permaneceu como um evento inexplicável.

Paul Ricoeur⁴ nos ensinou que a história é, sim, pontuada por grandes acontecimentos, que aparecem como momentos de reviravoltas radicais, mas que esses eventos se inserem sempre em uma trama mais complexa, da qual constroem o momento revelador.

O problema é que da trama geral todos nós perdemos o fio. Não somente em nível global, mas até mesmo em nível local. A tal ponto que a maior parte dos movimentos sísmicos que percorrem as nossas sociedades nos deixam atônitos e adquirem, aos nossos olhos, uma natureza misteriosa. Na era da hiper-especialização, ninguém se arrisca mais a formular hipóteses gerais sobre a evolução da sociedade. Na era da *Theoriemuedigkeit*, do cansaço quanto às teorias explicativas, todos preferem registrar minuciosamente os fatos *ex-post*, deixando aos charlatões e aos consultores empresariais a tarefa de se aventurar em previsões. Na era da pós-política, não é, certamente, dos políticos que se pode esperar a capacidade de dar sentido às transformações em curso.

Floresce, assim, um pensamento intersticial, que acumula detalhes e especificações, mas nunca consegue dar conta do cenário complexo. Até mesmo os segmentos de opinião tradicionalmente mais disseminados em matéria de teorias explicativas, acabam, na maioria das vezes, sem

⁴ P. Ricoeur. *Teps et récit*. t. 1, Paris: Seuil, 1983, p. 394.

palavras: a condição do intelectual progressista é de perplexidade.

Perplexidade frente às afirmações eleitorais de personagens como Berlusconi, Pym Fortuym, Schwarzenegger. Perplexidade frente à expansão em todo o mundo dos *reality shows* e do exibicionismo em massa. Perplexidade, ainda, frente ao *revival* religioso americano, ao retorno do integralismo no coração da modernidade. Perplexidade, por fim, frente ao reaparecimento do mal absoluto, na forma dos campos de concentração sérvios, do regurgitar satânico.

São cada vez mais numerosos os fenômenos que a lógica racional-positivista, sobrevivente da queda das ideologias, não consegue explicar. É assim que o intelectual progressista manifesta-se diante do déficit de compreensão da realidade, com ainda mais indignação. A Escola de Frankfurt morreu, mas o pensamento crítico está vivo e caminha conosco, pronto a condenar, com entendimento aristocrático, todas as degenerações de uma sociedade alienada, massificada, manipulada, americanizada.

Nascem assim as “discussões” contra Berlusconi, o caso “*Loft Story*” (no *Big Brother* francês), a “cultura da lamúria” dos campus americanos. Cada um destes movimentos individualiza racionalmente um objetivo a ser combatido (o conflito de interesses de um magnata que chega à política, à mercantilização da mídia francesa, ao obscurantismo da direita americana). E, na maioria das vezes, não se tratam nem mesmo de objetivos equivocados. O problema está na ingênua esperança, que emerge de todas estas e muitas outras batalhas, de poder restituir uma ordem “racional” às coisas, caso o inimigo fosse abatido. Como se não existisse, atrás de cada um destes, e inúmeros outros fenômenos, um desmonte muito mais profundo que ridiculariza qualquer pretensão de restauração de tipo neo-iluminista.

O fato é que o pensamento racional-positivista é muito jovem para entender profundamente as mutações obscuras que estão diante de nós. “Há dois séculos, seiscentas pessoas reunidas numa sala, em Versalhes, diziam ‘Nós somos a França, nós somos a nação inteira reunida’. Desde aquele momento, nós, como bons europeus, nos transformamos em bravos radicais extremistas de esquerda, diríamos uma minoria quase imperceptível que queria encarnar a verdade do todo. Mas permanecemos exatamente jovens demais. Ter duzentos anos num mundo no qual, como mostrou Marx, os problemas remontam pelo menos à ascensão da sociedade de classe... a nossa verdadeira história inicia, no mínimo, três ou quatro mil anos atrás. É preciso envelhecer para entender o que realmente acontece no mundo”.⁵

Não é a primeira vez que um tiro de canhão destrói o sonho de um progresso perpétuo, deixando-nos desanimados e entorpecidos como Roquentin de Jean-Paul Sartre. Já aconteceu no final do século passado, quando o atentado de Sarajevo interrompeu o longo *boom* do século XIX, no curso do qual o ocidente acreditava ter finalmente encontrado a receita do desenvolvimento sem fim. Durante o século XIX, a ciência, a indústria e a instrução começaram a se desenvolver como nunca. E o recém-nascido progressista, surgido algum tempo antes, nos salões de Versalhes, estava convencido de ter derrotado a barbárie de uma vez por todas. Certamente, naquela época, os tamborins obscuros também soavam ao longe. E algum raro adivinhador, com sua varinha, tentava transmitir o eco, assim como Conrad que contou os horrores do longínquo Congo e os orgasmos múltiplos dos londrinos com a mesma infável lucidez. Naquela época ainda

⁵ A. Finkielkraut – P. Sloterdijk. *Les battements du monde*. Paris: Pauvert, 2003, p. 77.

prevaleceu, no conjunto, a tranqüila idéia de que eram exceções destinadas a serem reabsorvidas pela incessante marcha do progresso.

Sobre aquele momento, somente um homem, um louco, entendeu que não eram exceções, mas sintomas de uma barbárie iminente e monstruosa. E levou uma vida para tentar não justificar como alguns teriam sustentado depois, mas para “aprofundar os fundamentos da civilização numa época de ameaças bárbaras”⁶. Nietzsche, o filósofo do amanhã, foi, como “explorador de mundos antigos, cumes e cavernas”, criador “em virtude da lembrança de alguma coisa que era essencialmente esquecida”⁷.

Com Dionísio contra Sócrates e Aristófanes contra Eurípidés, Nietzsche exumou o espírito da tragédia e o divino equilíbrio entre dionisíaco e apolíneo, que havia fundado a sua grandeza, porque intuiu que o único modo de fazer durar os fundamentos da civilização era restituir um papel à porção obscura que faz parte de todas as coisas humanas, ao excesso de energia que cada organismo possui em respeito à exigência da sobrevivência pura e simples⁸.

Ofuscada pelos cientistas políticos, sociólogos e filósofos, essa sabedoria ancestral renasce nas obras de algumas testemunhas que, com capacidade de adivinhação, tiveram a coragem de explorar as raízes obscuras e desconhecidas da modernidade com um pensamento arqueológico que nunca se contentou com a fábula progressista, em busca de mais profundidade.

É a seita dos grandes hereges: Goya, Dostoiévski, Conrad, Schmitt, Bataille, todos que, com eles, ousaram

⁶ P. Sloterdijk. *Lê penseur sur scène*. Paris: Christian Bourgois, 2000, p. 59.

⁷ G. Deleuze. *Nietzsche*. Milano: Guanda, 1997, p. 21.

⁸ Cf. G. Bataille. *La part maudite*. Paris: Editions de minuit, 1967.

pensar o impensável, cujas intuições são hoje indispensáveis para reconstruir uma bússola do presente.

Ainda hoje, quem se lança novamente nesta desorientada genealogia arrisca, por nós, ser tachado de herege. Apesar da sua evidente incapacidade de pensar o presente, de fato, o pensamento débil pseudocientífico, intersticial, que constitui a esquálida herança da era do desengano, continua impondo-nos a sua estagnação ortodoxa. E, então, talvez uma viagem ao passado não seja mais suficiente. Para contornar o tabu positivista, torna-se necessário seguir as pegadas dos hereges de cada época, atravessar o oceano e atracar nas praias de um mundo novo.